

“Durmo quatro horas”, “estou altamente medicada”, “o stresse provoca coisas até na pele”: 52% dos juízes em risco alto de burnout

[E \[expresso.pt/sociedade/justica/2023-10-27-Durmo-quatro-horas-estou-altamente-medicada-o-stresse-provoca-coisas-ate-na-pele-52-dos-juizes-em-risco-alto-de-burnout-df2feb91\]\(https://expresso.pt/sociedade/justica/2023-10-27-Durmo-quatro-horas-estou-altamente-medicada-o-stresse-provoca-coisas-ate-na-pele-52-dos-juizes-em-risco-alto-de-burnout-df2feb91\)](https://expresso.pt/sociedade/justica/2023-10-27-Durmo-quatro-horas-estou-altamente-medicada-o-stresse-provoca-coisas-ate-na-pele-52-dos-juizes-em-risco-alto-de-burnout-df2feb91)

Exclusivo

Justiça



Tiago Miranda

Um estudo revela que mais de 52% dos juízes portugueses estão em risco “médio-alto” ou “elevado” de burnout e que 26% admitem sofrer de sintomas depressivos. Para o presidente da Associação Sindical dos juízes este é um “problema grave” que precisa de uma solução. O Conselho Superior da Magistratura pretende agilizar a reforma compulsiva de quem tiver problemas mentais ou físicos irreversíveis

27 outubro 2023 15:59



Rui Gustavo

Jornalista



Joana Pereira Bastos

Jornalista

O “Estudo sobre condições de trabalho, desgaste profissional e bem-estar dos juizes portugueses” vem destapar um “problema grave” que é preciso “resolver” A sentença é do desembargador Manuel Soares, que também é presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses, uma das entidades que pediu ao Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra que medisse o pulso aos magistrados judiciais que decidem a vida das pessoas nos tribunais.

De acordo com as respostas - 684 num universo de 2043 juizes - **mais de metade destes magistrados (56,2 por cento) estão em risco “médio-alto” ou “elevado” de burnout.** E 26% por cento dos inquiridos admitiram sentir “sintomas de depressão”.

“Isso não quer dizer que estejam de facto deprimidos”, alerta Manuel Soares. Para este dirigente, “é preciso identificar os casos e perceber quem é que está de facto incapaz para trabalhar”.

O Expresso sabe que hoje mesmo, nos encontros do Conselho Superior da Magistratura, o vice-presidente Luís Azevedo Mendes irá apresentar medidas que permitirão o afastamento de juizes que não estejam em condições para trabalhar sem ter de os sujeitar a um processo disciplinar, tal como acontece hoje em dia. “Concordo com essa medida e cabe ao Conselho tentar encontrar medidas para minimizar e resolver este problema”.

Um dos juizes citados no estudo conta que “há situações em que” sabem que há “colegas que não estão bem, que deviam estar numa situação de baixa e estão a trabalhar, e sem uma denúncia de alguém”. Segundo este magistrado, “tem que ser um Inspetor, não pode ser um colega”. “Há colegas que deveriam estar de baixa e estão ao serviço. (...) Olhe, e se o próprio não reconhece que está doente e continua ao serviço.”

Em dez anos, o Conselho Superior da Magistratura afastou 28 juizes por incapacidade física ou mental.

Entre as razões apontadas para o risco de burnout e depressão estão **“as horas excessivas de trabalho” os “megaprocessos” e a “pressão para cumprir os prazos” e os atos inúteis** que consomem tempo e energia aos juízes. “A situação agrava-se nos tribunais de família, no crime e no trabalho, onde os colegas se confrontam com problemas humanos mais graves”, explica Manuel Soares

Nas respostas aos sociólogos do Observatório Permanente da Justiça, os juízes que aceitaram responder ao inquérito referiram ainda dificuldades no sono, com mais de sessenta por cento a admitirem que não dormem o necessário. “Eu durmo muito pouco. Para conseguir compaginar a minha vida profissional com a pessoal e familiar. Eu durmo quatro a cinco horas por dia. Isto já há alguns anos. Ao fim de semana mais, seis a sete horas”, disse um dos entrevistados.

O estudo apurou **que, em média, estes magistrados trabalham cerca de 46 horas por semana**. Os juízes de primeira instância - onde decorrem a esmagadora maioria dos julgamentos - trabalham mais horas do que os colegas dos tribunais superiores, os tribunais de recurso.

“Estou altamente medicada, e tenho consultas a toda a hora, com psiquiatra, com médico de família... o stresse provoca coisas no corpo inacreditáveis, até na pele. (...) É que é só stresse mesmo, não é mais nada”, admitiu uma juíza citada no estudo. 68 por cento dos inquiridos disseram que trabalham sempre em “velocidade elevada” e a mesma percentagem revelou que praticam “com bastante frequência” atos que podiam dispensar a sua intervenção. Um entrevistado admitiu que despachava este tipo de atos enquanto ouvia testemunhas abonatórias de outros processos.

Entre as recomendações, os membros do Observatório Permanente de Justiça destacam a “criação de um Gabinete de Saúde Ocupacional” e de um “sistema de prevenção, deteção e intervenção” para “promover programas de formação em soft skills (gestão de stresse, tarefas)”.

Dentro da comunidade jurídica, o problema não é exclusivo dos juízes. De acordo com um estudo divulgado este mês, cerca de 40% dos advogados portugueses apresentam níveis de ansiedade moderados a severos e 34% manifestam sintomas clinicamente significativos de depressão. Baseado num inquérito a 823 profissionais, o estudo promovido pela Associação Direito Mental revela que as mulheres e os advogados com menos anos de carreira são os que apresentam piores índices de bem-estar psicológico e de satisfação com o trabalho. No total, 15% admitem já ter pensado em suicídio. O excesso de trabalho e a elevada competitividade estão entre os fatores que mais contribuem para esta realidade.